

Déficit comercial preocupa FH

Presidente critica mentalidade pseudomoralista que atrapalha ações do Governo federal

Adriana Vasconcelos

Enviada especial • JOHANNESBURGO

Em encontro com cerca de 70 empresários brasileiros que o acompanham na viagem à África do Sul, o presidente Fernando Henrique Cardoso aproveitou para dar os recados mais importantes da viagem. Ele revelou ontem uma grande preocupação com o déficit na balança comercial do Brasil e disse que o incremento das exportações brasileiras é crucial para o país continuar a crescer. Fez um apelo ao empresariado para que o ajude na aprovação das reformas constitucionais, rebatendo indiretamente as críticas feitas antontem pelo prefeito de São Paulo, Paulo Maluf, de que agora o presidente só estaria interessado em aprovar a emenda da reeleição. Fernando Henrique criticou ainda o "pseudomoralismo" que, na sua opinião, ainda domina a mentalidade brasileira e muitas vezes atrapalha as ações do Governo federal.

— Num processo de globalização da economia, nós só vamos progredir expandindo o nosso comércio exterior. Mas não podemos perder de vistas as estatísticas, temos de cuidar de nossas exportações. Essa é uma questão cru-

cial para o país. As exportações da África do Sul correspondem a 40% de seu PIB. No Brasil, nunca chegaremos esse nível, mas ficar abaixo dos 10% do PIB é muito pouco — salientou o presidente, sugerindo que os empresários brasileiros não desperdiçassem a visita à África do Sul para incrementar suas relações comerciais no exterior.

Os empresários concordaram com o presidente Fernando Henrique e manifestaram interesse em aumentar suas exportações. Queixaram-se, contudo, da falta de uma política nacional para divulgação da imagem do Brasil no exterior, o que ajudaria no negócios.

Falta de divulgação sobre o Brasil deixa empresários frustrados

Eles contaram ao presidente que ficaram frustrados ontem, durante seminário empresarial promovido pela Embaixada do Brasil em Johannesburgo, com o total desconhecimento do empresariado sul-africano sobre a situação econômica brasileira e de seus atrativos.

De acordo Fernando Henrique, suas viagens ao exterior até contribuem na divulgação da imagem do Brasil, mas não são suficientes.

— É preciso que se entenda que divulgar a imagem do Brasil no exterior

custa dinheiro. Recentemente fizemos um seminário sobre a Amazônia nos Estados Unidos e fomos criticados pelo custo do investimento — desabafou o presidente com esses empresários.

Para o presidente, o Brasil precisa se valorizar, construir uma imagem no exterior de forma profissional. Ele reconhece que a propaganda não é tudo, mas lembrou que já existem fatos muito positivos na economia brasileira que merecem ser destacados no exterior.

Na sua opinião, o ideal seria a criação de um fundo de promoção do Brasil no exterior com dotação orçamentária, inserido dentro de uma estrutura burocrática mais ágil.

— Temos que mudar essa mentalidade pseudomoralista em que tudo tem de ser feito através de licitação. Eu, por exemplo, só como ervilha enlatada, palmito enlatado. Não tenho direito de comprar ervilhas frescas no Alvorada. Olhei outro dia para o sofá de meu gabinete e ele estava puído. Agora, me criticam porque comprei toalhas de mesa novas para o Alvorada. Querem o quê? Que eu compre toalhas de papel? — ironizou o presidente.

Fernando Henrique acha também que o Brasil não pode continuar desprovido de instrumentos de financiamento das

exportações, uma vez que no exterior existem muitas políticas desse tipo e bastante vantajosas. Mas admite que não é fácil para o Governo baixar impostos, sobretudo enquanto o Congresso não aprovar pelo menos o básico das reformas administrativa, previdenciária e tributária.

— Por isso eu continuo insistindo nessas reformas, embora tenham dito que eu agora só estou interessado em aprovar a emenda da reeleição. Preciso que vocês falem com os deputados ativamente, mesmo porque, sem elas, também não teremos condições de baixar nossas taxas de juros a níveis compatíveis com as taxas internacionais. Não é possível que um país possa ter uma taxa de juros duas ou três vezes maior do que outro país como acontece no Brasil — destacou.

FH enfatiza parceria do Brasil com a África do Sul

A resposta dos empresários foi imediata. O presidente da Associação Comercial de Minas Gerais, Francisco Albérico, disse que o Governo pode contar desde já com o apoio dos empresários, não só para a aprovação das reformas, como também no processo de privatização da Companhia Vale do Rio Do-

ce. Ele fez questão de citar os dados de uma pesquisa realizada recentemente em seu estado que indica que 44% dos mineiros são favoráveis à privatização da mineradora estatal e apenas 34% apóiam o movimento liderado pelo ex-presidente Itamar Franco contra a venda da empresa.

Em seus contatos com políticos e empresários sul-africanos, Fernando Henrique enfatizou que o Brasil e a África do Sul, juntos, têm condições de forçar uma reorganização do sistema político internacional.

Na avaliação do presidente Fernando Henrique, esses dois países não são tão ricos como os que incluem o Grupo dos Sete (G-7), mas também não podem mais ser considerados tão pobres. Diante desse quadro, ele sugeriu a criação de uma nova organização internacional, que não necessariamente excluiria o G-7, mas que tivesse interessada em discutir a democracia e as transformações sociais no mundo.

Em Soweto, o presidente brasileiro fez uma visita ao monumento construído em homenagem a Hector Peterson, um menino de 12 anos morto em 1976 num conflito com a polícia. Fernando Henrique foi saudado por populares que acompanharam sua visita. ■

Wilson Pedrosa



EM SOWETO, O PRESIDENTE Fernando Henrique Cardoso cumprimenta sul-africanos durante visita ao monumento de Hector Peterson